

MARIA FRANCISCA GAMA



A
PROFETA

5.^a EDIÇÃO



«Uma escritora promissora
e um livro intrigante.»

JOÃO TORDO



*À minha querida Mãe e irmã Carolina,
Ao meu amado e eterno Pai,
Aos meus avós, tios e primos: à minha família,
Ao Miguel,
Aos meus amigos, que sabem ocupar um lugar tão sério
no meu coração. Em especial, ao João Palma.
Ao João Tordo, escritor que sempre me inspirou
e me faz querer ser melhor.
À Diana Garrido, a minha editora e a minha maior crítica,
pela ajuda imensurável no aperfeiçoamento deste livro.*

Joana

Janeiro sempre foi um mês frio, daqueles em que o vento se entranha nos nossos ossos e as camadas de roupa não parecem fazer mais do que tornar-nos inevitavelmente mais lentos, como paquidermes em busca de água. Por mais que tenhamos vontade de fazer muitas coisas, janeiro é como o STOP que nos trava na estrada e obriga a aguardar a nossa vez de passar: tem de ser tudo com a calma e a sabedoria necessárias, não só por ser um mês frio, mas também por ser o início de um novo ano, esse mito cheio de promessas que não se cumprem.

Um novo ano. Esperanças renovadas, objetivos traçados, um passado para trás das costas. Tocam as doze badaladas e, como por magia, uma nova vida é-nos entregue por alguém ou algo, e aí estamos nós: prontos para recomeçar, prontos para fazer tudo bem desta vez, prontos para inventar uma nova vida, na qual sejamos mais felizes, menos fracassados. Como se isso estivesse ao alcance de todos ou sequer da maioria.

Olho-me ao espelho: sou magra, tenho pouco mais do que um metro e sessenta e cinco e a minha pele denuncia toda a maquilhagem que usei na adolescência. Os meus olhos são de um castanho muito escuro, como se, arriscaria dizer, fosse impossível ver o espelho da minha alma. Tenho os lábios finos e o meu nariz é uma cópia perfeita do da minha mãe. À medida que me vou analisando, reparo que o meu peito teima em sair entre os botões da blusa, e que as pernas, agora que estou de saia, têm nódoas negras e marcas das vezes em que, embriagada, apalpei no escuro o caminho até à cama. Acho que sou uma mulher elegante, talvez até bonita, mas não o suficiente para que alguém se recorde de mim pelo meu físico, esse portfólio embelezado da podridão que sou por dentro.

Estou num café ao fundo da minha rua, do qual me apropriei, sem dizer aos donos, há já algum tempo. Não é um café que a maioria de vós escolhesse para passar umas horas com os amigos, mas, para mim, é perfeito: é escuro, barulhento e, ao contrário da maioria dos que agora surgem nas ruas, não procura fazer alusão a nenhum tema em particular, nem ser fotografado para uma qualquer rede social. As mesas são de madeira, as cadeiras não têm uma almofada para que nos sintamos em casa, e os menus, além de não terem sido feitos a computador, estão rabiscados, espelhando a subida de preços que tem vindo a ocorrer, reflexo do turismo crescente e da procura constante de sair da rotina de um povo empobrecido.

Aqui dentro faz calor, mas aquilo que me aquece a alma é o cigarro que aperto entre os dedos e que vou sugando, e a bebida que a cada trago me alimenta os pensamentos. Estou concentrada em procurar aquilo que, por mais que encontre, nunca é suficiente. A dor dos outros.

Com um gesto seco, mas amável, o empregado poussa o copo na mesa, e, por uns segundos, sinto que é o meu momento. Remexo-me na cadeira, à procura da posição certa, e, entre um bafo e um gole, leio o livro que me tem vindo a ocupar o tempo. Aprendi ao longo dos anos que, depois de um dia a fazer sempre a mesma coisa, sempre a mesma coisa, de que, ainda por cima, não gosto, não posso voltar para casa sem desfrutar do meu tempo. Tempo para fumar um cigarro, beber um copo gelado de *whisky* e ler um ou dois capítulos. Podia fazê-lo em casa, no conforto do meu sofá em segunda mão, rodeada da mobília que escolhi com toda a certeza num dia em que não estava sóbria. Mas a verdade é que gosto de estar aqui. Gosto de olhar para as pessoas, de ver a forma como se dão, como recuam e aquilo que as move. De imaginar o que as faz estar aqui e não noutra lugar, de especular sobre aquilo que terão feito antes de se renderem a este pequeno espaço no canto da minha rua, e gosto de supor o que pensarão ao olhar para mim. Tenho trinta e dois anos, sou uma mulher discreta e o meu rosto cansado está sempre escondido atrás de um sorriso breve,

mas educado. Será que olham para mim e se perguntam porque estou aqui sozinha? Pensam que deveria, a esta hora, estar em casa a cuidar dos filhos, a beijar o meu marido, a preparar o jantar? Ou será que, quando olham para mim, comentam que devo ser uma daquelas divorciadas que afugentam cada homem com quem se cruzam, de cada vez que fala da sua difícil separação? Será que reparam sequer em mim?

Sei que, mais cedo ou mais tarde, todos saberão quem sou. Que estarão à minha procura, que falarão sobre mim, que viverão na tentativa inútil de se assemelhar à minha imagem. Teremos apenas de aguardar. Vocês e eu.

— Peço desculpa por incomodá-la, mas será que podia, por favor, emprestar-me o seu isqueiro? — perguntou-me uma senhora, de repente. Olhei-a rapidamente, e, envolvida naquilo que estava a ler, entreguei-lho, sem retirar os olhos do livro. Agradeceu e, sem mais, sentou-se à mesa ao lado da minha. Por uns segundos, olhei para ela, discretamente. O meu corpo estremeceu e, quando olhei para a minha mão direita, que continuava a segurar um cigarro marcado pelo vermelho do meu batom, percebi que a voltaria a ver, que tinha de voltar a vê-la. O olhar descaído, a pele do rosto mais envelhecida do que a voz que me interpelara, tudo nela gritava desespero, angústia e socorro. Hoje só me tinha perguntado se lhe podia emprestar o isqueiro, mas estava certa de que amanhã, ou depois, pediria por justiça e, nesse momento, quando precisasse, eu estaria sentada aqui, a esta mesma mesa, pronta para a salvar. Só tinha de aguardar, e a paciência, felizmente, é uma das minhas poucas virtudes.

Levantei-me e caminhei até casa. Um caminho que percorro diariamente, onde, entre as beatas de cigarros, os papéis no chão de uma sociedade que se diz preocupada com o meio ambiente e as pedras da calçada desalinhadas como um *puzzle*, me sinto livre dentro da prisão do que sou. O ardor na garganta perdurava depois daqueles últimos três goles dados à pressa, e, quando dei por mim, já estava no quarto, pronta para dormir, pronta para acordar, pronta para ir

trabalhar, pronta para voltar ao café, pronta para depois ir para casa, pronta para depois voltar a dormir.

Naqueles segundos em que o corpo já adormeceu, mas a cabeça teima em continuar acordada, penso no quanto gostaria que a minha vida fosse diferente. No quanto gostaria de ter tirado o curso que ambicionava, no quanto gostaria de ter tido sequer alguma ambição. Relembro-me dos gritos que dei e da força com que fechei a porta de casa dos meus pais quando decidi ir-me embora. Sinto ainda os dedos a folhearem as cartas que recusei ler durante tantos anos, e posso jurar que ainda tenho o rosto húmido das lágrimas que chorei de cada vez que perdi a coragem de virar a minha vida ao contrário, de cada vez em que não ousei querer viver, até ter descoberto a minha missão.

Adormeço num sono profundo. Amanhã, o despertador tocará às oito, como em todas as outras manhãs. Caminharei por entre as roupas que estão no chão e comerei aquilo que todos os dias como. Sem grande preocupação, procurarei alguma coisa passada a ferro para vestir e chegarei exatamente às nove ao trabalho. Como todos os dias. Desde os meus vinte e três anos. Sem sobressaltos, sem mudanças. Como um robô programado para ser excelente, mas a fazer uma só coisa. Vezes e vezes sem conta, mas a contar todas elas. «A repetição traz a excelência», dizem eles, lá de cima, nesta hierarquia onde ocupo o lugar mais baixo. A repetição traz a morte, penso. Mas lá continuo.

*

— É o do costume? — pergunta-me o empregado.

— Sim, por favor. Com uma pedra de gelo.

Acendo um cigarro e, ainda com as mãos geladas, reparo que a mulher que me pediu o isqueiro no dia anterior continua naquela cadeira, àquela mesma mesa, como se não se tivesse ido embora. Parece que o tempo para ela parou, que o mundo podia desabar lá fora e que a única coisa que lhe importaria seria a sua bebida, e que, com o impacto da Terra a ser comida, aquela não acabasse por cair

no chão. Terá ido embora, ou ficou aqui, impávida e serena, apenas à espera de que eu voltasse? Será que também senti que a nossa história acabara de começar?

Detenho-me no que estou a ler, e, sem espanto, vejo-a aproximar-se da minha mesa:

— Quer o isqueiro? Esteja à vontade — disse, enquanto lho entregava, num tom que tinha tanto de amável como de irónico.

— Não, não. Obrigada! Só gostaria de lhe perguntar o que está a ler. Tenho reparado que lê com muito afínco e parece que nem está aqui. Não se incomoda com o barulho?

Percebi que aquilo que queria era companhia, compreensão, e eu, passadas tantas semanas de solidão, não me importava de agora, mesmo que por pouco tempo, guardar o livro e ouvir alguém. Ansiava que me procurassem e, quando isso acontecia, quando me cruzava com pessoas como ela, que gritavam em surdina por socorro, ficava apenas ali, a aguardar, expectante, a imaginar mil e um cenários e a desejar que o delas fosse mais sórdido do que qualquer um dos que me passara pela cabeça. Expliquei-lhe que gostava de ler naquele café exatamente pelo barulho dos copos a baterem, pela música, pela porta a ranger de cada vez que alguém entrava ou saía. Que me ajudava a abstrair-me e, acima de tudo, que me fazia viajar muito mais rapidamente com o escritor, pois tinha mesmo de me concentrar para conseguir entender as suas palavras.

Ficámos a conversar alguns minutos, comigo à espera do momento em que ela me revelasse toda a sua dor. Mal podia esperar, na verdade. Debater circunstâncias, coisas supérfluas, faz parte de qualquer preâmbulo, mas aquilo que queria era saber o que a atormentava.

Joana era solteira, sem filhos, desempregada. Vivia perto de mim, fora uma mudança recente, e aquele café também a cativara pela simplicidade e escuridão. Acabámos por falar daquilo que toda gente fala quando não quer dizer muito: o tempo, o estado do país, a corrupção do governo, a esperança de que as coisas mudem. Passava os dias

a enviar currículos, na expectativa de que alguém, mais cedo ou mais tarde, a chamasse. Tomava conta da avó, já idosa, com quem sempre tinha vivido, e percebi que aqueles instantes no café também eram o seu momento. Com o passar do tempo, tornei-me sua confidente, e deixámos o tratamento formal. A certa altura confessou não ser católica.

— Não acredito em Deus — disse-me —, nunca acreditei. Muito menos agora, na minha situação.

Contei-lhe que também não era crente, que nunca tinha sentido o «chamamento» e que, por isso, levava a vida doutra forma, à procura de outras coisas que não um lugar no Céu. Disse-me que a avó, de quem cuida, dedicou a vida toda à Igreja: ia à missa todos os dias, rezava ao acordar, de cada vez que a comida se punha na mesa, antes de se deitar. Dava o que tinha e o que não tinha no peditório, era leitora, distribuía a hóstia sempre que lhe era pedido e, por pior que a vida estivesse, nunca, mas mesmo nunca, se interrogava acerca do motivo pelo qual Deus lhe estaria a fazer aquilo.

Era católica como dizem que se deve ser, em todas as ocasiões e não só nos apuros, era católica de agradecer e não só de pedir, era católica de dar sem receber, era católica de perdoar e de esquecer, de pedir perdão e de sentir profundamente o arrependimento.

A forma como Joana falava da fé da avó fez com que imaginasse uma senhora já idosa, com o rosto marcado pela vida, os joelhos gastos de tantas horas a agradecer-Lhe e as mãos enrugadas pelo tempo passado a fazer arranjos de flores para adornarem o altar da paróquia. Esta ideia romântica de uma velhinha devota, para mim, tinha tanto de surreal como de ridículo, e foi com um esforço heroico que não desatei a rir ao imaginá-la, tão tonta e despropositada, a falar ao Céu e a fingir que ouvia qualquer resposta.

Continuou, chegando ao ponto por que eu esperava desde que a vira inicialmente:

— Agora, está doente. E a palavra doente é simpática no caso dela, porque, infelizmente, está a morrer. Tem uma doença degenerativa, e, se há alguns meses era uma mulher energética e cheia de vida,

hoje não consegue sair da cama. Perdeu a mobilidade, perdeu o apetite, perdeu a vivacidade. Mas o mais engraçado, e néscio ao mesmo tempo, é que não parece triste. Está serena, como se aceitasse que Deus a quer ao seu lado. Diz muitas vezes «que se faça a vontade d’Ele», e sempre que acorda e me chama para a ajudar a ir à casa de banho diz-me que «Deus é tão grande» que anseia ir ter com Ele — respirou fundo. — Não imaginas como me dói ouvir aquilo. A minha avó cuidou de mim desde que nasci, a minha mãe morreu meses depois de me dar à luz, e do meu pai não tenho também memórias, e, agora que é a minha vez de lhe retribuir, parece que não quer ficar aqui. Continua a agradecer-Lhe, mas o que há para agradecer quando alguém já não nos dá nada além de um sofrimento imensurável?

Sorri. Sei que talvez não devesse fazê-lo, mas ninguém imagina a satisfação que sinto, como o meu corpo se contrai de prazer quando oiço a miséria dos outros e como todos os meus músculos relaxam lentamente, numa sensação semelhante a um orgasmo, quando consigo ajudar alguém nessa situação. Mas é necessário que me controle. Já desempenhei demasiadas vezes este papel para cometer erros.

— Nunca senti o «apelo». E, agora, ao olhar para a minha avó e ao recordar-me da quantidade de anos que dedicou à Igreja, menos acredito ainda. Como é que uma pessoa que fez tudo por Deus é assim traída? Sei que um dia todos morremos e que, por mais que eu quisesse que a minha avó fosse eterna, não é. Mas, porra, ela estava ótima há tempos não tão distantes assim. Com tantas causas para morrer, tinha de ficar sem se mexer, como se estivesse de castigo na cama? Se há alguém que não fez nada para ser castigada foi ela. Não faz sentido. Deus não pode tomar conta de todos, não pode, dizem, proteger todos da maneira que cada um gostaria de ser protegido, mas a minha avó merecia misericórdia. Eu sei que ela não merecia isto. Antes lhe desse uma morte rápida, daquelas em que não há tempo para os entes chegados se despedirem; antes enviasse alguém para lhe dar um tiro; antes a fizesse ter um acidente de viação mortal, qualquer coisa que não isto.

Deus nunca representou nada que me pudesse despertar a curiosidade. Os meus pais não eram católicos e, se alguma vez o foram, eram daqueles «não praticantes», se é que a isso se pode chamar católicos. Queriam que fosse à catequese como os meus colegas da escola, mas também não iam comigo à missa. Pediam-me que ouvisse atentamente o que era dito pelo padre da paróquia, mas não pareciam ter quaisquer valores católicos ou respeitar todos os preceitos da Igreja. Acho que aquilo era mais vontade de dizer que a filha frequentava a igreja do que outra coisa qualquer. Acabei por andar lá dois ou três meses, e rapidamente os meus pais me ocuparam o tempo com outra atividade extracurricular, porque para eles aquilo sempre foi uma atividade complementar, que lhes permitia não terem de me ir buscar à escola antes das cinco da tarde. É capaz de ser das poucas coisas que tenho a agradecer-lhes, o facto de me terem tirado dali.

— Compreendes o que sinto? — perguntou-me. — Estou impotente, e isso irrita-me e destrói-me ao mesmo tempo. Porque, por mais que eu queira, não há nada que possa fazer. A minha avó recusa-se a ir ao médico, não quer tomar os medicamentos e, de cada vez que sugiro levá-la a passear de carro, só para ver os jardins da cidade de que ela sempre gostou tanto, responde-me, com tristeza, mas de forma firme, que já viu tudo o que tinha para ver e que, com as dores que sente, nem o cheiro das rosas lhe fará despertar o olfato.

Os nossos encontros tornaram-se um hábito. Duas mulheres sozinhas a beber *whisky* e a partilhar dores, qual retrato mundano da liberdade de reunião e associação. Ou melhor, ela partilhava comigo as suas, os gritos que a avó soltava de cada vez que tentava mexer-se, a indignidade de não controlar a bexiga nem os intestinos na cama, as palavras que já não lhe saíam da boca, os olhos vazios de tudo. Eu ouvia. Paciente, mas toda eu era entusiasmo e esperança febril de que a minha oportunidade chegasse.

A experiência ensinou-me que a maioria das pessoas que está como a Joana, a caminhar em bicos de pés para o abismo, precisa

de me encontrar, por mais que eu as fareje à distância. Devo estar disponível, mas não posso ser eu a dar o primeiro passo. É ridículo, não é? Como um jogo de sedução. Precisam desesperadamente de mim, mas, se for ter com elas e lhes disser o que devem fazer, assustam-se, fogem como zebras de leões. Eu não sou uma predadora, antes quem as vai salvar. No entanto, têm de ser elas a perceber isso.

No final de janeiro, com os olhos inundados de lágrimas, disse-me:

— Não aguento mais. A cada dia que passa, a minha avó piora a olhos vistos. Tenho de lhe dar a comida à boca, tenho de a levar à casa de banho, tenho de me levantar a meio da noite para lhe mudar os lençóis porque, para não me acordar, acaba por urinar na cama... Estou de rastos... Custa-me vê-la assim, a degradar-se, a perder a fala. Ontem estive mais de cinco minutos sentada à beira da cama dela para tentar perceber o que me pedia: via-a em sofrimento e sabia que ela precisava de alguma coisa, mas ela, coitada, não conseguia dizer-me o que sentia. Isto é horrível.

O bar continuou a viver, o barulho da porta, os copos a baterem no ar, os copos a baterem na mesa, a máquina do café a trabalhar, as gargalhadas estridentes da loira da mesa seis, alheios ao sofrimento da minha interlocutora. Cada uma de nós tinha paralisado à sua maneira, retidas na imensidão que é a vida e na necessidade de sentirmos pena de nós próprias, de abraçar um sentimento inútil de auto-comiseração, e, ao mesmo tempo, de não conseguirmos, não sentir uma espécie de satisfação repugnante por sabermos que existe sempre quem esteja pior do que nós.

— A tua avó está a sofrer muito, não está? — perguntei-lhe. Ela anuiu, e eu continuei: — Acreditou a vida toda em Deus, serviu-O e, agora que precisa Dele, só te tem a ti. Tu é que cuidas dela, tu é que estás lá todos os dias, sempre que ela precisa de ti. Estás aqui a corroer-te para te ires embora, com medo de que ela te chame e tu não estejas lá. Não é verdade?

— Sim, é, mas...

Interrompi-a.

— Não há «mas». Deus não está a ajudar a tua avó. Deu-lhe essa terrível doença e, agora, em vez de acabar com a agonia dela, está a fazê-la sofrer como se merecesse. A tua avó pode aceitar isto como a vontade d'Ele, mas porque aceitas tu, se não acreditas n'Ele? Se fosse eu, acabava com o sofrimento dela. Sem hesitar. Se Deus não é misericordioso com ela, tu tens de ser: deves-lhe isso, tal como lhe deves tudo o resto que já lhe estás a dar. O apoio, o amor, a esperança. Mas, como vês, é pouco, não chega. E nunca vai chegar, por mais que te multipliques em esforços, mesmo que deixes de ter este tempo para ti, por mais que permaneças ao lado dela na tentativa inútil de perceberes do que precisa.

Respirei fundo. Algo em mim despertou naquele instante, como se tivessem dado de beber a uma flor que precisava desesperadamente de água. Os meus músculos relaxaram, o meu corpo esticou-se, e senti-me tão aliviada que, por momentos, receei que o meu prazer fosse demasiado visível e que aquela mulher, chorosa e cujo espírito parecia estar quase a abandoná-la, tal a tristeza que sentia, se fosse embora, perplexa com a minha reação.

A Joana, por outro lado, ficou a olhar para mim como se lhe tivesse dito que cometesse uma atrocidade ou lhe tivesse contado que, afinal, a Terra é um quadrado e, por isso, quando chegasse ao vértice superior direito, se iria picar como num alfinete. Sem mais, levantou-se, balbuciou qualquer coisa sobre eu ser um monstro sem escrúpulos e desapareceu no meio das pessoas até fechar a porta com toda a força que tinha.

Ouviu-se um estrondo.

Ajeitei-me na cadeira, abri o livro, acendi um cigarro, pedi outro copo e, de uma só vez, bebi-o.

Terá ela percebido o que lhe disse? Não se queixa há quase um mês, todos os dias, de que a avó está doente, que está a sofrer? Que queria que lhe dissesse? Que acariciasse a avó até ela morrer? Que ignorasse os gritos de dor? A merda na cama, os olhos vazios? As palavras balbuciadas numa tentativa inútil de dizer do que precisava?

Fui para casa e, pela primeira vez desde há muito tempo, sentia-me aliviada, como se tivesse tirado um peso dos ombros. Não me arrependo daquilo que disse; se fosse eu, era isso que faria. E a Joana, se não o fizer, é porque não ama assim tanto a avó. É porque é fraca e também porque não conhece a dimensão da garra de uma mulher. A vida não é feita para aqueles que, quando chega a sua hora, atrasam propositadamente o relógio com que adornam o pulso.

Antes de ir dormir, enviei uma mensagem à Joana a explicar-me melhor: disse-lhe que a avó estava a sofrer desalmadamente e que, em consequência, também ela estava a sofrer. Que a avó já tinha vivido muitos e bons anos, e que, agora, todos os que viessem seriam de agonia, sofrimento e incapacidade. Que, tal como a ajudou a viver, Joana deveria agora ajudá-la a morrer, porque a morte era mais leve do que peso que carregava de cada vez que tinha de a ajudar a ir à casa de banho.

Não há amor mais puro do que aquele que não é egoísta e que, antes de pensar em si, pensa no outro. Por mais que a Joana quisesse que a avó continuasse viva, ela tinha de morrer, e cada dia era como uma agulha a espetar-se-lhe na pele, atravessando a carne, perfurando os ossos, rasgando cada nervo.

Fiquei a olhar para o telefone até adormecer, ansiosa que me dissesse algo. No dia seguinte, quando cheguei ao nosso ponto de encontro, ela não estava lá. Sentei-me, pedi o meu copo, fumei um cigarro e, depois de abrir o livro que teimava em ler repetidamente, senti de novo aquela solidão que antes de a Joana aparecer já se começava a tornar minha. «Que se lixe», pensei, «antes sozinha do que com alguém sem coragem».

Quando já estava a pagar, pronta para me render ao caminho gelado que faria a pé até ao quente da minha casa, a Joana chegou e, assim que os nossos olhares se cruzaram, perguntou-me se podíamos ir para um sítio mais calmo... Sorri e levantei-me, depois de lhe ter pedido que me seguisse.

Chegámos a minha casa e percebi quão caótica a tinha deixado. Olhei para ela pelos olhos da minha convidada e senti-me mal,

envergonhada. Arredando livros, roupa e pratos sujos, sentámo-nos no sofá, e ela disse:

— Desculpa ter reagido daquela forma quando falámos da última vez. Não percebi o que realmente queriam as tuas palavras dizer e, na altura, quando as ouvi, pensei o pior de ti. Fui para casa e comecei a odiar-te com a mesma intensidade com que gostava de ti e da tua companhia. Depois do ódio, tentei compreender as tuas palavras e, hoje de manhã, enquanto agarrava os cabelos finos da minha avó para que não se sujasse de novo ao vomitar, percebi o que querias dizer. Como é que o faço?

Suspirei e, contente com o que havia ouvido, disse-lhe que a morte da avó não poderia ser culpa sua, porque, acima de tudo, não merecia ser presa por libertar a pessoa que mais amava. Portanto, o melhor, e menos doloroso, seria uma morte breve, sem falhas, e que não levantasse suspeitas. Fui buscar um frasquinho que tinha guardado numa prateleira do armário da sala e entreguei-lho:

— Dá-lhe isto de beber. Vai acalmá-la, e, assim que adormecer, não voltará a acordar. Não vai ter dores, não vai sentir absolutamente nada, prometo-te. Despede-te dela e recorda-a do quanto a amas.

A Joana desatou a chorar ruidosamente e, ainda com a mão fechada com muita força, como se quisesse proteger aquele frasco, levantou-se e agradeceu-me por tudo, balbuciando palavras que não me esforcei por entender.

— Não sei se vou conseguir fazer aquilo que me sugeres, mas vou tentar. Prometo. Obrigada.

Fechou a porta e saiu. Passadas algumas horas, estava eu prestes a adormecer, enviou-me uma mensagem:

Obrigada por me teres guiado. Já percebi o motivo pelo qual não acreditas em Deus, tu acreditas e segues-te a ti própria, e agora também eu te seguirei. A minha avó já está a dormir. E se visses a serenidade do seu rosto perceberias quão importante és para nós.

Eu sabia que a Joana ia conseguir. Conseguem sempre.

Cristóvão

Fodi com um homem que acabei de conhecer. Voltei a fazer sexo com um homem cujo nome ainda não sabia quando o deixei penetrar-me de pé, contra uma parede da casa de banho do centro comercial onde estava a ver montras naquele domingo de manhã.

Não me arrependo. Na altura, foi a forma mais fácil e expedita que encontrei para que reparasse em mim.

Chovia ininterruptamente desde que eu acordara e sentia-me farta de estar em casa. Precisava de me distrair e, com o temporal que se fazia sentir, não podia dar o meu passeio habitual pelos poucos espaços verdes que esta cidade ainda preserva. Conduzi até ao centro comercial mais próximo e deambulei diante das montras, alheia a quem por lá também caminhava.

Quando entrei na livraria do primeiro piso e me detive na secção da literatura, vi-o pela primeira vez. Alto, bem constituído, com um queixo perfeitamente definido e os olhos muito escuros. Segurava nas mãos *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco, e nos ouvidos tinha uns fones sem fios, por onde provavelmente ouvia Alt-J.

Os nossos olhares cruzaram-se e eu não me contive, porque senti qualquer coisa e soube que ele não poderia ir-se embora, que o nosso encontro não se poderia ficar por aquilo.

Sorriu-me e eu sorri de volta. Continuou a ler a contracapa daquele romance intemporal e eu aproximei-me. Olhei para todos os lados e, na certeza de que ninguém se encontrava por perto, baixei-me para agarrar num livro que estava numa estante à frente do Cristóvão (o nome soube mais tarde) e apalpei-lhe a zona genital. Com garra, para que percebesse o que queria, mas sem força, para que não gritasse ou fugisse, perplexo com aquela louca.

Agarrei no livro, ele olhou-me nos olhos, visivelmente confuso e embaraçado, e eu fiz-lhe sinal para que me seguisse. Saímos da livraria, virámos à direita no final daquele corredor do primeiro piso, e eu entrei na casa de banho das mulheres. Passados alguns segundos, e após ter esperado que uma senhora lavasse as mãos, sorrindo-lhe educadamente, saí e fiz sinal ao Cristóvão para que entrasse. Fechámo-nos num dos compartimentos, e eu beijei-o com todo o fogo que tinha dentro de mim.

O frio nas minhas costas e o quente da língua dele a passar-me pelos dentes arrepiou-me instantaneamente, e o desejo de o ter dentro de mim, vezes e vezes sem conta, fez-me baixar-lhe as calças num ápice. Beijámo-nos com a mesma loucura com que nos entregamos aos sonhos que acreditamos poder realizar, na boca, no pescoço, nas orelhas... Tudo o que era pele descoberta em mim foi por ele acariciada, como se tivéssemos todo o tempo do mundo para fazer sexo e ele não tivesse pressa alguma. Como se não estivéssemos numa casa de banho pública e na iminência, a qualquer momento, de alguém entrar e se aperceber de que ali estava não só um homem, como também duas pessoas a fazer sexo.

Quando já não aguentava mais, penetrou-me. Com firmeza, mas também com cuidado, como se conhecesse o meu corpo e soubesse que não gosto de me sentir violentada. Fizemos sexo durante algum tempo, em silêncio para que ninguém desconfiasse de que ali estavam duas pessoas a possuir-se como adolescentes irresponsáveis e, entre gemidos contidos e a minha mão a pressionar-lhe a boca para que não pudesse gritar quando atingisse o orgasmo, veio-se dentro de mim com a pujança que antevira quando nos cruzámos uns minutos antes.

Deliciámo-nos, aproveitámo-nos um do outro, sem remorsos, sem promessas. Era sexo e, quando acabasse, provavelmente nunca mais se repetiria, por isso que não terminasse já, porque estava a gostar...

Assim que saiu de dentro de mim e se vestiu com a agilidade de quem já tinha experiência em foder naquelas condições, ficámos

em silêncio, e eu, pela primeira vez desde há muito tempo, soltei um leve suspiro de satisfação.

Ele riu-se e disse-me baixinho:

— Não estava à espera disto.

Um de cada vez, saímos da casa de banho, e já no corredor ele deu-me um cartão com o seu número de telefone e desapareceu.

Ainda suja e extasiada com o que havia acabado de acontecer, olhei-me ao espelho e lavei as mãos. «Cristóvão», sussurrei.

Estou sozinha há muitos anos. Apaixonei-me quando ainda era adolescente por um rapaz da minha escola que nunca olhou para mim, e todos os homens que tive ao longo da vida usaram-me tanto ou mais do que eu os usei a eles. Nunca fiz amor, mas já fiz sexo durante semanas consecutivas. Costumava, há uns anos, quando ainda tinha alguns amigos, ir a um *pub* depois de jantar, ouvir boa música e beber uns copos, e, assim que deixava de sentir os pés no chão, enrolava-me com o primeiro que também quisesse. Falávamos um bocado e, mal diziam alguma coisa que não me cabia na cabeça, declarava abertamente que só os queria levar para a cama, na esperança de que nos pudéssemos calar e passar ao que importava.

Foram anos assim. Saía do trabalho, embebedava-me, beijava e fazia sexo com homens que não conhecia, e, mal acabava, pedia-lhes que saíssem de minha casa. Nunca passei a noite com um homem. Nunca dormi ao lado de um homem. Por minha livre vontade. E só dormirei se, algum dia, amar alguém, hipótese que considero remota, dado que dificilmente sentirei que alguém está ao meu nível. Não por ser melhor, nem sempre me sinto superior aos outros, mas por ser diferente.

Fazer sexo não é entregarmo-nos ao outro: é entregarmos o nosso corpo. É dizermos a alguém que o use à vontade, que nos dê prazer. Que se divirta a tocar-nos como nós nos rimos quando a língua nos passa perto do umbigo. Fazer sexo dura o tempo necessário para que nunca seja eterno e, quando acaba, não há memórias, não foram feitas promessas, ninguém espera mais nada de ninguém. Foi só sexo. Agora,

quando dormimos com alguém, aí as coisas são diferentes, porque, antes de adormecermos, estamos conscientes de que no dia a seguir, quando acordarmos, a outra pessoa estará lá. Porque dormir com alguém é dizer-lhe que queremos passar o dia seguinte ao seu lado, é darmos-lhe esperança, é não nos importarmos de termos menos espaço para rebolar na cama. É, em silêncio, indicar ao outro que no dia que se avizinha tomarão o pequeno-almoço juntos, que irão juntos para o trabalho... E dormir com alguém implica alguma cumplicidade. Porque de manhã não acordamos bonitos, porque de manhã não cheiramos bem, porque o pijama que usamos não é tão *sexy* como poderiam ter imaginado antes de nos deitarmos na mesma cama. E abrir os olhos e ver, antes de tudo o resto, alguém ao nosso lado é demasiado para tão pouco amor, para tão pouca vontade, para tão fugaz desejo. É, implicitamente, prometer a alguém que lhe vamos dar alguma coisa, quando aquilo que demos é o máximo de que dispomos: o nosso corpo num vaivém, até o desejo ficar saciado. Por isso, e porque a vida nunca deixará de ser uma sucessão de dias, e o nosso corpo quererá sempre ser possuído por novos corpos, não deixarei que ninguém pernoite junto a mim.

*

Os dias foram-se passando como todos os outros antes de conhecer o Cristóvão. Eu sabia porque tinha feito aquilo, e se algum de vós acredita que se tratou de uma loucura motivada por um desejo carnal, então, não percebeu ainda o meu propósito. A verdade é que senti, naquele corredor da livraria, na secção dos romances, que ele travava uma luta, que precisava de ajuda. E soube com a mesma certeza que, tratando-se de um homem bonito e com aquela confiança no caminhar e no olhar, só repararia em mim se eu me fizesse notar e lhe desse, à partida, uma das coisas de que ele mais precisava, para que depois percebesse que lhe poderia dar muito mais.

Podia estar errada, mas sentia que fora apenas a primeira vez que nos tínhamos cruzado. Talvez as próximas não envolvessem tanta coisa, tantos beijos, tanta força, tanta vida, mas ele precisava de mim.

O Cristóvão tinha-me deixado um cartão com o seu número de telefone, e a verdade é que o sexo havia sido inacreditável, e que eu sabia que ele estava a sofrer, mas não lhe podia ligar. Se o Universo me retribuísse aquilo que lhe dou, ele voltaria a aparecer. Aliás, eu voltaria a aparecer-lhe, qual Nossa Senhora em Fátima.

Enquanto acabava de cozinhar qualquer coisa para jantar, a campainha tocou e, espantada, pois jamais alguém, caso soubesse onde moro, teria a displicência suficiente de aparecer sem avisar, abri a porta. Era o Cristóvão:

— Quando nos despedimos há uns dias, dei-te um cartão com o meu número de telefone... Perdeste-o? — perguntou-me, com aquele sorriso elegante, mas desafiante, que já me havia lançado quando nos conhecemos.

— Não. O que estás aqui a fazer? — perguntei, desorientada com toda a situação e perplexa pelo facto de ele ter descoberto a minha morada.

— Vim visitar-te. Posso entrar?

«Já entraste», pensei. Sentou-se numa cadeira da cozinha, enquanto eu acabava de cozinhar, e, depois de termos comido aquela mixórdia que jamais teria feito se soubesse que teria visitas, sentámo-nos na varanda do quarto a fumar, acompanhados de dois copos do péssimo, mas único vinho que tinha na dispensa.

— Porque é que nunca mais me disseste nada? — perguntou-me, desta vez com um ar mais sério.

«Porque acho que precisas desesperadamente de mim e não posso ser eu a dizer-to, vais ficar em pânico, insultar-me e desaparecer para sempre», pensei.

— Porque foi sexo. Bom, mas apenas sexo. Que querias que te dissesse? — inquiri eu, secamente.

— Pois, tens razão — disse-me, sorrindo. — Então conta-me lá: o que fazes da vida? — perguntou, enquanto bebericava o seu copo.

— Trabalho numa empresa. Sou secretária, para ser mais precisa. Nada de especial, foi o que se arranjou.

«Ah, e salvo o mundo. Ajudo pessoas como tu, que estão na merda pelos mais diversos motivos a encontrarem uma estrada por onde caminhar. Faço-o porque é a minha missão e também foi por ela que te agarrei nos tomates naquela livraria. Para que reparasses em mim, perguntasses aos empregados se eu tinha ficha de cliente e, quando os apanhasses distraídos, acedesses ao computador ao pé da máquina registadora e copiasses a minha morada para um papel», pensei.

Continuámos a falar sobre nós. Contou-me que tinha acabado o mestrado há uns anos e que agora estava a dar aulas num ginásio no centro da cidade. Sem filhos, ainda solteiro, gostava de fazer desporto, de ir ao cinema, de ler bons livros.

— Então, não és tão vazio quanto pareces... — disse, na tentativa de que a provocação o fizesse abrir-se mais e mais comigo.

A conversa estava ótima. Ele era interessante, divertido e muito mais inteligente do que eu esperava. A certa altura, quando olhei para a garrafa que tinha levado para a varanda, reparei que esta estava quase no fim, e o relógio apontava que já era tarde.

— Amanhã tenho de acordar cedo — disse-lhe —, é melhor ires embora. Obrigada pela visita.

— Já? Bem, agora que olho para esta garrafa, acho que bebi um bocadinho de mais para pegar no carro... Importas-te que durma cá? — perguntou-me, enquanto se inclinava para me beijar pela primeira vez naquela noite.

Recuei, deixando-o surpreso. Gaguejei qualquer coisa de novo sobre já ser tarde, e, sem qualquer tipo de educação, encaminhei-o até à saída e fechei a porta antes que me pudesse dizer o que quer que fosse.

Sentia-me atraída fisicamente por ele, mas não podia deixar que isso me desviasse do principal motivo pelo qual o interpelara naquela manhã no centro comercial. Alguma coisa não estava bem com ele,

e eu tinha de descobrir o que era. Não o podia ter demasiado por perto, mas talvez afastá-lo abruptamente não fosse a melhor tática.

Ele só me pedira para ficar porque tinha bebido o bastante para ser grandemente multado se a Polícia o mandasse parar, mas temos pena, «não quero cá ninguém em casa».

*

— Acho que isto é o destino — sussurrou-me, enquanto me agarra-va pela cintura. Era quarta-feira e eu estava a chegar do trabalho a casa. Apesar de ainda não serem oito da noite, os dias continuavam curtos, não estivéssemos em fevereiro; por isso, as esplanadas ainda estavam vazias. Sentámo-nos lá fora e pedimos duas cervejas e duas mantas.

Fingi um sorriso, como se sentisse qualquer coisa que não apenas uma curiosidade e sede imensa pela sua dor.

Ficámos a conversar durante algum tempo, e, pela primeira vez, falei um pouco mais sobre mim. Conte-lhe que tinha nascido numa aldeia não muito longe dali e que, desde cedo, vivia sozinha. Que não tirei o curso que queria porque não fiz por isso e que, a nível de projetos pessoais, poucos ou nenhum tinha. Que gosto de ler, de beber, de fumar e de ouvir música que mais ninguém ouve. Que não tenho amigos, que não me dou com a pouca família que me resta e que nada na minha vida é empolgante o suficiente a ponto de merecer ser contado. Não era ainda a altura certa de ele saber quem eu era.

Riu-se, e, sem demoras, decidiu que também era hora de se expor:

— Como te disse, dou aulas num ginásio, que foi aquilo que sempre quis. Gosto de testar os meus limites físicos e, mais do que isso, gosto de testar os limites físicos dos outros. Dá-me mesmo prazer mostrar-lhes que podem superar-se e atingir objetivos que achavam inalcançáveis. As pessoas ultimamente começaram a preocupar-se mais com o corpo, a quererem ser bonitas, mas, ainda mais importante do que isso, a quererem ser saudáveis. Procuram-me porque

querem viver com qualidade, e o exercício físico é fulcral para que possam viver por muitos anos, sem grandes doenças. Adoro o que faço e não mudava essa parte da minha vida por nada. Faz-me sentir bem o facto de fazer os outros sentirem-se melhor.

Até aqui, tudo normal. É saudável, tem um emprego de que gosta e no qual se sente realizado profissionalmente e não tem medo do futuro, aliás, tem sede do que aí vem...

Como me gostava de rever nessa atitude irreverente e sonhadora: acredita que o mundo é um lugar ínfimo, cheio de oportunidades e que basta apenas lutarmos para que as coisas aconteçam. Trabalho há muitos anos no mesmo sítio e não gosto: odeio. Odeio ter de estar sentada durante oito horas a agrafar e a furar folhas; odeio ter de atender telefonemas para os passar a quem de direito, e odiei ainda mais todos os anos em que tive esperança, sempre que o telefone tocava, de que fosse alguém para falar comigo.

Nunca aconteceu.

Porque sou só uma secretária. Porque só tenho de agrafar folhas, de as juntar e arquivar, de passar chamadas, de servir cafés, e o chefe já disse que quer o dele curto, mas às vezes esqueço-me e lá oiço que nem para tirar cafés sirvo. Mas continuo. A viver a mesma merda de rotina, com o mesmo medo de merda de fechar a porta e procurar outra coisa, porque isto de salvar o mundo é tão caridoso e altruísta (ou talvez não!) que o faço de borla.

— E tu? Já sei que não trabalhas no que gostavas, que te chamas Mariana e que não és propriamente recetiva a estar com as pessoas que te acham graça — disse, rindo-se. — Mas fala-me mais de ti!

«Por onde começar? Bem, percebi que era diferente desde sempre. Ao contrário das outras crianças, nunca quis brincar, correr desenfreadamente por um parque infantil e descer o escorrega enquanto pedia aos meus pais que olhassem para mim. Vivi sempre triste, intrigada e no meu canto, mais em silêncio do que a falar. Desde que me aconteceu o que aconteceu, fui-me apercebendo de que aquilo que me alimenta e me faz feliz é a dor dos outros e a oportunidade

de a acalmar, e um dos dias mais felizes da minha vida foi quando consegui, ainda no final do décimo ano, que a minha amiga Constança matasse o irmão gémeo. Não te escandalizes, ela era constantemente humilhada por ele! Teve o que mereceu. Recordo-me de que ele chegou a cortar-lhe o cabelo enquanto ela dormia e a partilhar com os colegas da turma fotografias dela nua, que tirou enquanto ela tomava banho, sem que obviamente a Constança o tivesse consentido. Um dia, depois de quase dois anos a ouvi-la a queixar-se de tudo o que se passava em casa, e a ver a forma como o próprio irmão a rejeitava e vexava em público, convenci-a a acabar com aquele gajo enquanto ele dormia, injetando-lhe uma dose letal de insulina. Ainda hoje me liga todos os anos a agradecer... Soube aí que nasci para guiar os outros e farejo a tua mágoa à distância; por isso, ao invés de falar sobre mim, e de perdermos tempo nesta conversa de treta, conta-me o que te amedronta e porque escondes a tua tristeza com esse sorriso fraco e essa confiança facilmente destrutível», pensei.

Respirei fundo, abstraí-me dos meus pensamentos e respondi-lhe:

— Não tenho mais nada para dizer. Como te expliquei, a minha vida não é muito interessante. Faço casa-trabalho, trabalho-casa. Não me dou com os poucos familiares que tenho e não pratico nenhum desporto, nem faço nada, além de trabalhar, comer, dormir e ler.

— E o que andas a ler agora? — perguntou-me, intrigado provavelmente com o facto de a minha vida ser tão vazia e monótona como já lhe havia dito.

— Um livro muito grande, pouco conhecido, não vale a pena dizer-te o título, que decerto não o conhecerás, e assim escusas de ficar envergonhado pela tua falta de cultura literária... — disse-lhe, na esperança de que a conversa por ali ficasse. — E tu?

— Eu estou neste momento a ler um romance de uma escritora estrangeira. Estou a gostar muito, por mais surpreendente que possa parecer. Não sou grande fã de histórias de amor, de livros que fazem com que as mulheres esperem mais de nós, que lhes criam a ilusão

de que todos os homens com quem se cruzarão ao longo da vida as irão amar e fazer tudo por elas, mas este é diferente. O amor dos protagonistas é carnal, verdadeiro e, ao contrário da maioria das histórias de amor e das telenovelas, os dois não superam um número absurdo de obstáculos e de problemas até ficarem juntos. Conhecem-se, amam-se e ficam juntos. Gosto disso. Da realidade da história, porque nem toda gente tem de passar por problemas graves para dar valor a quem tem ao seu lado.

«Poético», pensei.

— Mas sabes que a maioria de nós não tem a sorte de encontrar a pessoa certa à primeira, e eu suponho que amar alguém não chega, até os casais mais apaixonados discutem — disse-lhe, recordando-me de uns vizinhos dos meus pais, que estavam, quando eu era adolescente, juntos há mais de vinte anos. Eram muito apaixonados, a Dona Rosa e o Senhor Zé, mas discutiam muito, pelas mais diversas coisas, e ela lá ia a casa dos meus pais desabafar com a minha mãe e perguntar-lhe se achava normal querer divorciar-se, apesar de o amar.

— Sim, eu sei. Mas este livro é bom porque me está a fazer acreditar mais no amor — desabafou.

Fiquei em silêncio. Seria possível um dos homens mais bonitos e melhores na cama que conhecera ter o coração despedaçado? Quem teria sido a mulher sem juízo e sem amor-próprio que o deixara fugir? Seria esse o peso que Cristóvão carregava nos ombros? Um desgosto de amor?

Como viu que eu nada ia dizer, prosseguiu:

— Já estive com algumas mulheres. Ou talvez com imensas até. Mas a verdade é que nasci e cresci a ver a relação dos meus pais, que era de tudo menos de amor, e este livro tem sido ótimo para mim no sentido em que me fez passar a acreditar em coisas que, com quase trinta anos, ainda me custam crer, porque nunca as vi e, por consequência, nunca as consegui viver. Os meus pais casaram-se quando acabaram a faculdade, e, ao contrário da minha mãe, que o amava verdadeiramente, o meu pai só estava com ela pelo dinheiro. Os meus

avós maternos eram muito ricos, donos da maior empresa de telecomunicações do país, e o meu pai sabia que, quando eles morressem, sendo a minha mãe filha única, herdaria tudo. Então, ficou com ela, à espera desse dia, e, três ou quatro anos depois de eu nascer, lá teve sorte. Morreram os dois num acidente de viação, e o meu pai pôde deixar de fingir o que quer que fosse. Passou a tratar mal a minha mãe, a discutir com ela a toda a hora, a humilhá-la. Lembro-me perfeitamente de ser pequeno e de ouvir os meus pais aos berros no escritório. De vez em quando, um barulho mais forte, uma peça de loiça que caía, e depois, com o decorrer dos anos, a minha mãe lá tropeçava e aparecia na escola com um olho negro, depois escorregava na banheira e não me podia pegar ao colo porque tinha um brutal hematoma na barriga. E eu fui-me apercebendo. Cresci e implorei várias vezes à minha mãe que se divorciasse, mas ela, e isto é assustador e sinistro, disse-me sempre que o amava tanto que não conseguia. Que de cada vez que ele lhe batia lhe pedia desculpa e que eu ainda era pequeno demais para compreender, que eram «coisas de adultos».

Permaneci calada, surpreendida com tudo aquilo. Ele bebeu mais um gole da cerveja que havia pedido e, depois, continuou a falar:

— Quando acabei o décimo segundo ano não queria ir para a universidade para longe, com medo de deixar a minha mãe sozinha com o meu pai. Mas ela insistiu e disse-me várias vezes que o meu pai não lhe batia há vários anos, e a verdade é que já não se viam nódoas negras, hematomas ou sequer arranhões. Fui, reticente, mas também com a esperança de que ela me estivesse a dizer a verdade. Acho que também eu amava o meu pai e queria acreditar que ele era melhor do que parecia, e, por isso, não via o óbvio. A verdade é que ele continuava a bater-lhe, mas tinha aprendido a fazê-lo: já não lhe deixava marcas no rosto, nos braços, ou em sítios que soubesse que podiam não estar cobertos por roupa. E eu só descobri uns anos mais tarde, quando, sem pedir autorização, abri a porta da casa de banho enquanto a minha mãe tomava banho e vi as marcas que tinha pelo corpo todo. Sangue pisado, cortes, marcas de queimaduras feitas na perfeição por

um charuto cubano. Esmurrei o meu pai até não ter mais forças nos punhos, arrumei as minhas coisas e fui-me embora. Odeio-o. E, infelizmente, ele continua vivo. A minha mãe suicidou-se uns dias depois de eu sair de casa, atirou-se de uma ponte. Ligou-me umas horas antes, e eu estava tão irritado com ela, com o facto de nada fazer para sair daquela situação degradante e triste em que o meu pai nos tinha posto, que não atendi. Acho que ela não aguentou amar tanto uma pessoa que a odiava de morte. E eu fiquei sempre a pensar que, se não tivesse saído de casa, talvez hoje ela ainda estivesse viva. Fiquei sempre a pensar que se lhe tivesse atendido aquela chamada ela talvez me tivesse dito o que sentia e eu podia tê-la puxado segundos antes de se atirar. Acho que morreu a achar que eu também não gostava dela.

Baixei o rosto, para que não visse as lágrimas a correrem em direcção aos lábios. Por mais histórias que me contassem, e ainda que eu soubesse que o ser humano não presta para nada, havia coisas que me continuavam a surpreender, que me deixavam fora de mim e que me impulsionavam a cometer verdadeiras atrocidades, sem medos ou remorsos. Que filho da puta, o pai do Cristóvão. Quantos existem por aí?

Ante a minha inércia, ele continuou:

— Fui ao funeral da minha mãe e não imaginas a raiva com que fiquei quando vi o meu pai a chorar desalmadamente, agarrado a uns tios, como se a amasse e não soubesse como lidar com a perda. Como se não tivesse sido culpa sua, como se tivesse lutado para que ela gostasse de viver. Só me apetecia gritar que nada daquilo teria acontecido se ele tivesse respeitado e amado a minha mãe como ela o respeitava e amava, mas depois também não tive coragem de armar um escândalo no último adeus e na última homenagem que as pessoas lhe estavam a prestar, pessoas que gostavam dela e que talvez também soubessem o que o meu pai lhe fazia e que haviam compactuado com isso da mesma forma que eu. Fiquei em silêncio e, quando terminou, decidi que nunca mais na vida iria olhar para o meu pai e, até hoje, passados tantos anos, nunca mais o vi. Vim viver para cá, acabei

o curso e arranjei trabalho. Nunca mais o quero ver, porque não sei o que faço se o vir, mas sei que a minha mãe, ridiculamente, jamais queria que ele morresse.

Fiquei petrificada, como se os meus ossos tivessem gelado e, mesmo que quisesse dizer ou fazer algo, me fosse completamente impossível. Há alturas na nossa vida em que nos sentimos incapacitados, conscientes da nossa pequenez, e da forma atroz como alguns, que se cruzam connosco por aí, agem. E nessas alturas, em que é inevitável sentirmos medo, eu, por mais incrível que pareça, não o sinto: o sangue aquece-me o corpo, sinto-me imbatível e a raiva apodera-se de mim, a vontade de fazer justiça, de mostrar a quem amedronta os outros que serei o pior pesadelo com que já tiveram de lidar, e que instruirei as vítimas, que elas se vão reerguer e ripostar. Que não descansarei, que não me vergarei e que não desistirei... que poderei estar em qualquer lado, numa esquina, às vezes mais longe, outras tão perto que sentirão a minha respiração mesclada com a deles...

Respirei fundo e dei-lhe a mão. Apertei-lha com força suficiente para que sentisse que ali estava, mas com o cuidado necessário para que não achasse que também eu o queria magoar. Quando cruzámos olhares, desviei o meu e sussurrei algumas palavras de conforto, na esperança de que mais tarde não as recordasse, porque tinha medo de que achasse que sentia alguma coisa por ele, além de compaixão. Queria que soubesse que o iria apoiar, que o ajudaria a enfrentar os seus demónios, mas que isso não significava que ele era especial para mim. Ele ainda não sabia, mas era apenas mais um.

Ao contrário dele, eu era a tal. Também ainda não o sabia, mas eu ia salvá-lo.

— Sabes, Mariana, a vida é uma merda. Tu não tens contacto com a tua família, mas eu também não tenho. Não sei quais são os motivos pelos quais te afastaste, mas tu agora sabes os meus. E é triste, não é? Veremos alguém que ama perdidamente outra pessoa ser por ela destruída. O amor supostamente devia dar-nos uma alegria desmedida, devia fazer-nos andar com um sorriso estúpido na cara, devia

fazer-nos crer que poderemos concretizar todos os nossos sonhos e que jamais estaremos sozinhos. O meu pai fez com que a minha mãe sentisse que, para ela, a vida nunca seria boa o suficiente, que nunca teria uma nova oportunidade. Fez com que ela se esquecesse do emprego que tinha e onde gostava tanto de estar, fez com que ela se esquecesse das amigas com que tantas vezes se ria desalmadamente, fez com que ela se esquecesse do quanto gostava de pintar, de passear ao domingo à beira-mar, fez com que ela se esquecesse de mim... Perguntei-me durante muitos anos se ela se lembrou de mim quando saltou. Se já sabia que eu conseguiria continuar a viver sem ela.

— Tenho a certeza de que a tua mãe sabia que tu ias ultrapassar — disse-lhe, fitando-o —, porque te educou e te mostrou durante muitos anos que temos de ser fortes. Gostava de te dizer que ela está muito orgulhosa de ti, talvez te soubessem bem essas palavras ou as esperasses depois desta conversa, mas não acredito em Deus, nem no Céu; portanto, duvido que ela te esteja a ver...

Riu-se, lambendo as lágrimas que, inesperadamente, lhe pendiam nos pelos da barba, e confessou-me:

— Eu também não acredito. Acho que acreditei durante alguns anos, mas depois, à medida que amadureci, fui percebendo que só era crente porque precisava de alguém a quem pedir favores, de alguém com quem desabafar quando o meu dia corria mal, e que nunca me lembrava de Deus, ou de ir à Igreja, quando estava tudo bem, quando as coisas me corriam de feição.

Ficámos a conversar mais um bom bocado, e apercebi-me de que o Cristóvão vivia assombrado por fantasmas... Mas quem não vive?

Quantos de vós se recordam, mais vezes do que queriam, do passado? Quantos de vós não têm pesadelos, não choram à noite, não deixaram de passar por sítios que antigamente faziam parte da vossa rotina, porque agora vos atormenta lembrarem-se do que lá se passou?

Uns têm um passado do qual se orgulham, outros nem por isso. Alguns vivem presos ao passado, não conseguem ultrapassar o que

viveram, outros, por sua vez, não conseguem seguir em frente com saudades, ou, quiçá, com medo de viverem o futuro. Atualmente não me encaixo em nenhum dos grupos, mas não vou mentir e dizer-vos que, durante muitos anos, não fui refém dos meus erros e não estive coberta de remorsos e arrependimentos: foi um fardo difícil de despir, principalmente pelo que me aconteceu.

Quando nos despedimos, tentou dar-me um beijo na boca, e eu, para espanto dele, desviei o rosto: não queria que o Cristóvão achasse que, após a nossa conversa, algo tinha mudado.

Ainda não era a altura certa para lhe mostrar qual o meu papel e porque me tinha revelado recetiva a ouvir as suas lamúrias e tormentos.

Caminhei até casa e, pela primeira vez desde há muito tempo, decidi escrever. Quando era mais nova gostava muito de o fazer, era das poucas coisas que acreditava fazer bem. Escrevia muito quando vivia com os meus pais, era uma das únicas maneiras que encontrava para estar sozinha e não ser sugada por um mundo com o qual não me identificava, para encontrar a liberdade que tanto almejava, permanecendo sentada à escrivaninha do meu quarto.

Não posso dizer que me sejas indiferente, que o teu sorriso não me faz sorrir, ou que as tuas lágrimas, ao confessares que dentro de ti existe mais do que vejo, não me fazem sentir coisas que, há muito tempo, não experienciava. Não posso negar que, apesar de não te procurar, gostava que me encontrasses mais vezes, e que, por mais que não to demonstre, os teus braços à volta da minha cintura fazem com que o meu corpo entre numa guerra com o cérebro, que te quer tanto rejeitar como o primeiro quer, com a mesma intensidade, que tu o possuas.

Apareceste na minha vida de uma forma tão simples que agora é confuso ser tudo tão complexo. A tua fragilidade enriquece-me, e a tua vulnerabilidade deixa-me confortável. Não sabes nada de mim e, mesmo assim, parece que me aceitas. Não me conheces e, mesmo assim, parece que gostas desse mistério em que te envolvo, e de onde, ao mesmo tempo, te peço para saíres mal consigas.

A PROFETA

Mariana é uma jovem mulher solitária. Tem um emprego do qual não gosta, passa os dias e as noites sozinha a ler um livro misterioso. Sente um profundo desprezo pela Humanidade, mas não consegue evitar ajudar quem precisa, mesmo que a ajuda venha na forma de um frasquinho de veneno indetetável.

Através das pessoas com quem se vai cruzando, todas vítimas de alguém, Mariana vai eliminando o mal do mundo e, ao fazê-lo, junta uma legião que jura segui-la para sempre, como uma profeta.

Neste livro, Maria Francisca Gama faz uma reflexão sobre a religião, o certo e o errado, e a aleatoriedade de acontecimentos que em segundos destroem uma vida. É a incapacidade de aceitação e a busca por uma justiça divina que, não chegando, é feita pelas próprias mãos.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

    penguinlivros

ISBN: 978-989-596-433-8



9 789895 964338